

# **Métodos e Epistemologias Feministas nos Estudos de Religião**

## **Feminist Methods and Epistemologies in the Studies of Religion**

*Carolina Bezerra de Souza*<sup>1</sup>

*Ivoni Richter Reimer*<sup>2</sup>

*Ketlin Schuchardt*<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo procura, através de uma pesquisa bibliográfica, evidenciar o desenvolvimento do pensamento feminista, suas epistemologias e metodologias científicas, especialmente no que corresponde às abordagens da religião. Para isso, divide-se em três partes, que apresentam como eixos a interseccionalidade das opressões são colocadas sobre as mulheres e o foco da epistemologia feminista nas experiências diversas das mulheres, com suas possibilidades libertadoras e produtoras. A primeira parte aborda o desenvolvimento das epistemologias e categorias básicas dos estudos feministas. O segundo item trata da abordagem feminista da religião, com foco no Brasil. Por fim, a última parte versa sobre a teologia feminista que foi a base do desenvolvimento das abordagens feministas da religião.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Feminismo. Epistemologias. Religião. Teologia.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda na Faculdades EST. Doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia/Ciências da Religião (Universität Kassel) com pós-doutorado em Ciências Humanas (UFSC). Docente no PPGCR na PUC Goiás. Bolsista Produtividade CNPq. Editora-gerente da revista Caminhos. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Religião, Gênero e Poder.

<sup>3</sup> Mestranda em Teologia (Faculdades EST), Bacharel em Teologia (Faculdades EST).

**ABSTRACT**

This article seeks, through a bibliographic research, to evidence the development of feminist thought, its epistemologies and scientific methodologies, especially with regard to approaches to religion. For this, it is divided into three parts, which have as axis the intersectionality of oppressions over women and the focus of feminist epistemology on the diverse experiences of women, with their liberating and producing possibilities. The first part deals with the development of epistemologies and basic categories of feminist studies. The second item deals with the feminist approach to religion, with a focus on Brazil. Finally, the last part deals with feminist theology that was the basis for the development of feminist approaches to religion.

**KEYWORD**

Feminism. Epistemologies. Religion. Theology.

**1. Introdução**

Os movimentos feministas começam a se consolidar em meados do século XIX, período conhecido como a Primeira Onda do Feminismo<sup>4</sup>, com reivindicações pelo voto e por direitos igualitários, mas ainda era um pensamento restrito às mulheres brancas e/ou burguesas, especialmente nos EUA e na Inglaterra. Durante a década de 1960, o movimento feminista ganhou força e as mulheres passaram a discutir as relações de

---

<sup>4</sup> Entendemos que a periodização do Movimento Feminista é uma questão ainda em debate. Pesquisadoras americanas e inglesas entendem que a Primeira Onda se situa a partir do movimento sufragista e que publicações anteriores são entendidas como precursoras do feminismo. Há pesquisadoras europeias, que propõem outra periodização, situando a primeira onda como criação moderna que tem inspiração em ideais cartesianos e iluministas, de modo que incluem no movimento autoras como Olympe des Gouges, Mary Wollstonecraft, Poulain de la Barre. Para uma discussão sobre a periodização cf. VALCÁRCEL, Amelia. *Ahora, Feminismo: Cuestiones candentes y frentes abiertos*. Ediciones Cátedra: Madrid, 2019. Não é objetivo deste texto discutir a periodização do Movimento Feminista, mas entende-se que, a partir desse movimento, nos anos 1960, começam a ter força estudos feministas sobre religião.

poder entre homens e mulheres, entendendo que seu movimento era político<sup>5</sup>. Essa Segunda Onda do Feminismo ficou marcada, entre outras coisas, pela publicação do livro “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir<sup>6</sup>. Ao mostrar que as opressões atingem as mulheres de modo diferente, a Terceira Onda do Feminismo impulsionou ainda mais a discussão sobre a desnaturalização do gênero, que desafia a ideia de sujeitos com identidades fixas e destinos biológicos, colocando em revisão o próprio sujeito do feminismo. Ao lado dessa evolução do feminismo evoluíram também as epistemologias feministas, e a partir de movimentos de libertação na década de 1960, também Teologias Feministas começam a se desenvolver e alavancar estudos feministas sobre a religião.

## 2. Epistemologias e Metodologias Feministas

Ao abordar a questão da produção científica feminista, temos que lembrar que ela tem uma história que se inicia com a Segunda Onda do Feminismo, nos anos 1960 e, ao longo desse tempo, muitas cientistas de vários países se debruçaram sobre a questão. O que começa com a prática feminista, chega à academia com estudos da perspectiva da mulher, avança para o *Women's Studies* e finalmente acaba por teorizar uma ciência feminista<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> Ver breve resumo de como estamos assumindo essas ondas feministas para este artigo em RICHTER REIMER, Ivoni. As teologias e práticas políticas dos movimentos (eco)feministas. *Caminhos*, Goiânia, Especial, v. 17, p. 120-137, 2019, esp. p. 123-128. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7489/4272>. Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>6</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n 36, jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 fev. 20

<sup>7</sup> Para mais detalhes sobre a história e as pensadoras da epistemologia feminista, veja: SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? *Labrys*. Estudos Feministas. v. 11, p. 45, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>>. MAFFIA, Diana. Epistemología feminista: La subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, Caracas, v. 12, n. 28, p. 63-98, jun. 2007. Disponível em <[http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1316-37012007000100005&lng=es&nrm=iso](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012007000100005&lng=es&nrm=iso)>.

Nesse percurso, havia algumas grandes preocupações: a noção que as atuações científicas são políticas precisam iniciar do paradigma das lutas feministas por igualdade e autonomia; a denúncia do sexismo dentro da ciência, com o silenciamento, discriminação e exclusão das mulheres cientistas; a crítica de estruturas androcêntricas de pensamento e linguagem dentro da ciência; a consciência de que não é possível contemplar um jeito certo de fazer ciência, e, por isso, a necessidade da constante abertura a novos questionamentos e métodos e, portanto, à instabilidade de suas categorias analíticas<sup>8</sup>; por fim, uma produção de um conhecimento que importe e modifique a vida de mulheres e homens<sup>9</sup>.

Esse percurso foi influenciado por movimentos filosóficos que abriram caminho e reforçaram o discurso das feministas na academia, alterando a rigidez das formas de produção científica, pois questionaram as noções de objetividade, universalidade e imparcialidade, além de denunciarem a reprodução de poder pelas vias do conhecimento científico. Porém, mesmo modificando as bases positivistas da formação de conhecimento, esses movimentos não deixaram de ter uma perspectiva androcêntrica. Entre eles, podemos destacar os pós-estruturalismos, com a formação do discurso social, a abordagem sobre poder e a questões de desconstrução e reconstrução, levados à frente por Michael Foucault e Jacques Derrida, e o pós-modernismo, principalmente com o pensamento de Jean-François Lyotard, que traz a ideia de descentralização das narrativas e sujeitos.

Segundo Collaizzi, as práticas feministas revisaram os pressupostos da razão ocidental, usando um duplo movimento: marcar sexualmente e historicizar a noção de sujeito. Ao historicizar, sujeito, objeto e discurso são localizados socioculturalmente

---

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: <[http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf)>. Para uma evolução do feminismo no Brasil veja: PINTO, 2010.

<sup>8</sup> HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*. v1. n.1, p.7-31, jun. 1993

<sup>9</sup> Aqui um importante texto é HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *cadernos pagu*. Campinas. n.5, p. 07-41, 1995.

dentro de uma rede de práticas interconectadas e interativas que trabalham em um ponto específico no tempo e espaço, para mostrar como seus efeitos só podem ser compreendidos dentro do complexo campo de poder(es) que articulam as conexões entre práticas diferentes. Portanto, o ‘objeto do estudo’, bem como o ‘sujeito’ do discurso, são desprovidos de qualquer qualidade que possa ser considerada como ‘essencial’, ontológica ou transhistórica<sup>10</sup>.

A autora continua afirmando que ao marcar sexualmente o sujeito e enfrentá-lo, a teoria feminista acaba por mostrar o quanto a humanidade foi restringida aos sujeitos masculinos nos estudos científicos e desafia “a vontade de universalidade e totalidade implícita em tal concepção de sujeito”<sup>11</sup>. O feminismo e a análise de discurso, para ela, são atividades similares, pois tratam de

uma tomada de consciência do caráter discursivo, [...] histórico-político, do que chamamos realidade, de seu caráter de construção e produto e, ao mesmo tempo, um intento consciente de participar do jogo político e do debate epistemológico para determinar uma transformação das estruturas sociais e culturais da sociedade, em direção à utopia – a utopia indispensável a um mundo onde a exclusão, exploração e opressão não seja o paradigma normativo<sup>12</sup>.

Nesse sentido, quando se produz conhecimento feminista, estamos falando do uso de metodologias e categorias diversas que têm por objeto e por finalidade a vida e a atuação das mulheres.

---

<sup>10</sup> “En el interior de una red de prácticas interconectadas e interactuantes que funcionan en un específico punto en el tiempo y el espacio, para mostrar cómo sus efectos no pueden ser entendidos más que dentro del complejo campo de poder(es) que articulan las conexiones entre diferentes prácticas. Por ello el ‘objeto de estudio’, así como el ‘sujeto’ del discurso, están desprovistos de cualquier cualidad que pudiese ser considerada como ‘esencial’, ontológica o trans-histórica”. COLAIZZI, Giulla. *Feminismo y teoría del discurso: razones para un debate*. In: COLAIZZI, Giulla. *Feminismo y teoría del discurso*. Madri: Ediciones Cátedra, 1990. p. 13-28. p. 14.

<sup>11</sup> COLAIZZI, 1990, p. 15.

<sup>12</sup> COLAIZZI, 1990, p. 20.

Falar de uma reconstrução feminista do conhecimento científico é falar de uma reinterpretação a partir da perspectiva de gênero e da contribuição que pode ser feita para a emancipação da mulher. Para isso, conceberemos a ciência como uma construção de uma comunidade, na qual influenciam outras variáveis sociais, além dos parâmetros disciplinares, e cujo produto não deve ser confinado para estudo e desenvolvimento na comunidade científica. Deve-se analisar motivações e consequências do exercício da ciência, a intervenção de interesses não reduzidos ao impulso epistêmico, os vieses não visíveis por fazerem parte dos valores compartilhados pela comunidade científica<sup>13</sup>.

Por volta dos anos 1970, a categoria de gênero<sup>14</sup> é introduzida pelas feministas preocupadas com o binarismo da oposição entre homens e mulheres e com a diversidade de maneiras de ser mulheres<sup>15</sup>. A categoria de gênero foi elaborada a partir da reflexão de diversos campos, da historiografia, das análises sociais, psicologia e da linguagem. Vejamos duas tendências exponenciais:

A definição mais difundida foi proposta, na década de 1980, pela historiadora Joan Scott, com base em suas pesquisas de reconstrução da história das mulheres (por exemplo, seu trabalho ]com a história das operárias) e o resgate dos seus papéis sociais. Segundo Scott, gênero é: 1) “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e 2) “uma forma primária de dar significado

---

<sup>13</sup> Hablar de una reconstrucción feminista de los saberes científicos es hablar de una reinterpretación desde la perspectiva de género, y del aporte que desde ella pueda hacerse para la emancipación de las mujeres. Para ello concebiremos la ciencia como una construcción por parte de una comunidad, en la que influyen otras variables sociales además de los parámetros disciplinarios, y cuyo producto no debe ser confinado para su estudio al desarrollo dentro de la comunidad científica. Deben analizarse motivaciones y consecuencias del ejercicio de la ciencia, la intervención de intereses no reducidos al impulso epistémico, los sesgos no visibles por formar parte de los valores compartidos por la comunidad científica. Cf. MAFFIA, 2007, s.p.

<sup>14</sup> Para uma discussão a respeito do uso das categorias gênero e patriarcado nos estudos feministas, veja: SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 95-139.

<sup>15</sup> Essa discussão é aprofundada nos anos 1990 para incluir a questão da sexualidade, cf. BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 16-60

às relações de poder”<sup>16</sup>. Essas duas proposições estão conectadas com o construto sociocultural em que se baseiam as significações, a percepção de diferenças e as relações sociais. Esse tecido cultural é muito complexo, visto estar simultaneamente em constante (trans)formação pela atuação humana e formar a identidade humana. Ele contém representações simbólicas; conceitos normativos que são expressão das interpretações desses símbolos; as concepções e organização das relações políticas e sociais, das instituições; a identidade subjetiva humana. Para a autora,

as linguagens conceituais empregam a diferenciação para estabelecer o significado e [...] a diferença sexual é uma forma primária de dar significado à diferenciação. O gênero então fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana<sup>17</sup>.

O objeto da categoria de gênero são as “as relações sociais entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens [nas quais] a questão e a dinâmica de *poder e mudança* são fundamentais”<sup>18</sup>, sendo que nelas também se procura evidenciar o fluxo e as formas de reprodução de poder.

Trata-se, portanto, de uma perspectiva fundamentalmente relacional. Ela demonstra que as masculinidades e feminilidades, os papéis sociais, as hierarquias e a divisão de trabalho e espaço associados aos sexos são uma construção sociocultural resultante da histórica acumulação material e simbólica da humanidade, onde o aspecto religioso é fundamental<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-50.). Disponível em: <[http://archive.org/download/scott\\_gender/scott\\_gender.pdf](http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf)>. Acesso em: 12 mai. 2012. p. 86.

<sup>17</sup> SCOTT, 1995, p. 89.

<sup>18</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000, p. 20.

<sup>19</sup> SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.

Gênero é, então, uma categoria analítica que busca dar significação social, psicológica, cultural, religiosa e política à identidade sexual biológica. Ela questiona e expõe as origens sociais e culturais das diferenças, assim, mostra dicotomias, polaridades e dualismos que, ao longo da história, eram usadas para silenciar e discriminar as mulheres e outras minorias, e que, por isso, cerceavam a potencialidade das relações humanas e, portanto, a produção material e de conhecimento.

Pela conexão que faz com os sistemas simbólicos e o poder, a definição de Scott é umas das mais utilizadas no campo dos estudos da religião. Contudo, também a contribuição de Lauretis é significativa para este campo. Ela trabalha a categoria de gênero no nível dos sistemas simbólicos, da representação e das subjetividades e acaba por definir outro conceito, a tecnologia de gênero, bastante utilizada em pesquisas feministas nas áreas da arte e da comunicação. Tecnologias sociais são quaisquer instrumentos ou mecanismos, operados ao lado de discursos, relações sociais e de poder que acionam técnicas, procedimentos ou práticas para a produção de subjetividades, controlando o campo do significado social (por exemplo: mídias, cinema, literatura, artes). Uma tecnologia de gênero é uma tecnologia social que trabalha para que as pessoas se identifiquem como homens e mulheres. Ela tem o poder de produzir, promover e implantar uma representação de gênero<sup>20</sup>. Em cada cultura essa diferenciação entre feminino e masculino forma “um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais”<sup>21</sup>. E essa “construção de identidade pessoal e social é forjada num processo de dinâmicas de relações de poder dentro de estruturas de sistemas patriarcais de subordinação, nos quais os *meios de comunicação* atuam como fator substancial”<sup>22</sup>. Esse sistema de representação é uma construção cultural e um aparato semiótico e está conectado aos fatores políticos e econômicos de forma que confere significado aos indivíduos e gera assimetria e desigualdade social. Portanto, o gênero se constrói na relação e, seja como

---

<sup>20</sup> LAURETIS, Teresa de. *Diferencias: un camino a través del feminismo*. Madrid: HORA y hora, 2000.

<sup>21</sup> LAURETIS, 2000, p. 38.

<sup>22</sup> RICHTER REIMER, 2000, p. 19-20, nosso destaque.

representação ou como autorrepresentação, é produto e processo de uma série de tecnologias sociais, as tecnologias de gênero, em conjunto com discursos e normas institucionais (Estado, religião...), epistemologias, práticas críticas e práticas da vida cotidiana<sup>23</sup>.

Com o uso da categoria de gênero e a dissolução das ideias de neutralidade e de universalidade, e, portanto, com a produção de saberes mais situados, originados da experiência, aos poucos, outras variáveis problematizadoras foram sendo alcançadas. Experiências pessoais, locais e globais, a vida cotidiana, os fazeres, saberes e prazeres distintos passam a ser eixos epistemológicos para análise de relações, construção de subjetividades e “reapropriação histórica”<sup>24</sup> de processos de subjetivação com respeito ao diferente, ao que falta = outro/a. Experiências localizadas, ricas em saberes e poderes, passaram a questionar a ‘supremacia’ da universalidade e neutralidade e a considerar essas experiências como construtoras históricas de conhecimento e de cultura em suas diversidades.

Neste percurso, foi possível aos estudos culturais enfatizarem a linguagem e cultura, aos estudos de sexualidade mostrarem a influência da heteronormatividade na produção das estruturas sociais e de conhecimento, aos estudos pós-coloniais trazerem a crítica do imperialismo e aos decoloniais a valorização de referenciais teóricos próprios do sul capazes de refletir essa realidade para o desenvolvimento dessas regiões<sup>25</sup>. Todas estas variáveis também trouxeram novos questionamentos que convergiam com ideias feministas e foram somadas por suas estudosas e estudiosos. Assim, a crítica e a ciência feminista articulam hoje categorias transversais/interseccionais de gênero, raça/etnia, classe, sexualidade, idade, além dos binômios centro-periferia, norte-sul. Nesse processo produtivo de aberturas de horizontes, também a ecologia desde cedo

<sup>23</sup> LAURETIS, 2000, p. 35.

<sup>24</sup> RICHTER REIMER, 2000, p. 17. Ver discussão sobre processos de subjetivação em perspectiva psicanalítica e materialista-histórica em: MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

<sup>25</sup> Ler acerca das diversas epistemologias do sul, na perspectiva de diversas autoras e autores de vários países, etnias e classes em SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. 2.ed. Coimbra: Ed.Almedina SA, 2010.

adentra o movimento por meio de seus sujeitos, que oferecem outros olhares e perspectivas, demandas e lutas com base nessa nova episteme que se vai construindo. Também aqui as abordagens são diversas, dinâmicas e (re)construtivas dentro e a partir de seus diversos contextos.<sup>26</sup> Cada vez mais o ecofeminismo têm colocado a problemática da relação entre a humanidade e a preservação ambiental, com a percepção de que a degradação ambiental atinge sobretudo as mulheres, e, nesse sentido, propõe uma visão mais holística, conferindo dignidade a todos os seres<sup>27</sup>.

No conjunto de sua trajetória, a ciência feminista mostra-se como dinâmica e aberta a ‘absorver’ e dialogar outras/novas categorias como referenciais, utilizadas em conjunto com o gênero. Algumas permanências de categorias devem ser aqui destacadas, como patriarcado, sexismo e androcentrismo, já que elas são fundamentais para a percepção das estruturas socioculturais de silenciamento, discriminação e violências específicas contra as mulheres<sup>28</sup>.

### 3. Feminismo, Ciências da Religião e Teologia

No Brasil, uma área de conhecimento é atualmente composta pela Teologia e as Ciências da Religião, que até bem pouco tempo eram consideradas subáreas da Filosofia. As Ciências da Religião formam uma área do conhecimento multidisciplinar, ou seja, dialogam e incorporam categorias, métodos e aportes teóricos de outras áreas do conhecimento

---

<sup>26</sup> Acerca da diversidade de movimentos ecofeministas e parte de seu desenvolvimento histórico e hermenêutico, ver RICHTER REIMER, 2019, p. 129-135.

<sup>27</sup> Um dos nomes mais referenciados na temática do Ecofeminismo é Vandana Shiva. Um texto da autora em português é SHIVA, Vandana. Deixem-nos sobreviver – Mulheres, ecologia e desenvolvimento. In: RUETHER, Rosemary R. (ORG.). Mulheres curando a terra. Trad. Sylvia Marcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 107-120. A temática também é abordada por Ivone Gebara a partir do campo da teologia desde a década de 1990, cf. GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião. São Paulo: Olho D’água, 1997.

<sup>28</sup> De especial importância é a temática da violência de contra a mulher na academia brasileira. Além dos trabalhos de Heleieth Saffioti, confira BANDEIRA, Maria de Lourdes. Violência de gênero: a construção de m campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (Kindle Edition). l. 5273-5332.

(Ciências Sociais, História, Filosofia, Psicologia, Teologia...), mas cujo objeto é o fenômeno religioso e, por isso, o método primordial de aproximação é a fenomenologia.

A fenomenologia tem como características a horizontalidade entre cientista e o objeto e a aproximação entre ambos, para observação, classificação e análise, e no caso da religião, é necessário considerar que o objeto é composto em sua maior parte de sujeitos dinâmicos<sup>29</sup> ou textos. Por essas características, a fenomenologia é uma forma de produção de conhecimento bem compatível com a produção de conhecimento das feministas, partindo do fato ou da experiência para a produção de um conhecimento situado, sem hierarquia de conhecimentos, buscando a compreensão das e dos crentes sobre a sua religião. Também à fenomenologia pode ser acrescentada a categoria de gênero, e todas as outras componentes das epistemologias feministas.

O campo dos estudos da religião era historicamente dominado por homens. A primeira elaboração de um estudo religioso, no caso a interpretação bíblica, com viés feministas data entre 1895 e 1898, quando Elizabeth Cady Stanton coordena e publica um projeto coletivo de reinterpretação do texto bíblico, *The Woman's Bible*.<sup>30</sup> Mas há um grande hiato acadêmico em termos de abordagens feministas após essa publicação.

Como afirma Rosado, até 1985 havia, no Brasil, um imenso vazio com respeito ao tema das mulheres e religião por parte das Ciências Sociais, campo com o qual as Ciências da Religião dialogam e que dá origem ao seu aporte teórico. Considerando ainda que não existiam estudos da religião como uma área de conhecimento no Brasil, havia poucos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião ou Teologia e estudos dispersos nas Ciências Sociais, Psicologia, Filosofia, História. A maioria da bibliografia no assunto era oriunda da crítica interna de teólogas cristãs na Europa e Estados Unidos, onde alguns estudos começam com a Segunda Onda do Feminismo, o que posteriormente configuraria a Teologia Feminista, que se desenvolve concomitante à Teologia da

<sup>29</sup> RODRIGUES, Elisa. O que é isso que chamamos fenomenologia da religião? Reflexões em curso; In: SILVEIRA, Emerson Sena (org). *A polissemia do sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 105-119.

<sup>30</sup> Mais informações em RICHTER REIMER, 2019, p. 123-124.

Libertação<sup>31</sup>. Há de se destacar, contudo, que, no conjunto das condições norte-sul díspares, já cedo autoras latinoamericanas publicam suas produções intelectuais em diálogo crítico com suas colegas em outros continentes, como Ana Maria Tepedino<sup>32</sup>, Elsa Tamez<sup>33</sup>, Ivoni Richter Reimer<sup>34</sup>.

Na dinâmica do diálogo com colegas do hemisfério norte, o movimento ganha impulso e a crítica feminista sobre as religiões passa a atingir outras áreas de conhecimento.

Em um primeiro momento, a crítica das religiões foi feita no plano político e militante. As religiões foram tratadas apenas como instrumentos dos mais eficazes para o controle das mulheres e a manutenção de sua subordinação social e religiosa. [...] Posteriormente, o desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mais analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. [...] A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador.<sup>35</sup>

Assim, todas as áreas dentro dos estudos de religião foram afetadas pelas metodologias feministas já nos anos 1970. Nos anos 80, a abordagem feminista na sociologia da religião permitia

interrogar as religiões do ponto de vista das relações sociais entre os sexos, ou do gênero. [...] uma das questões fundamentais passou a ser a compreensão da maneira pela qual atividades simbólicas – crenças, ritos e discursos religiosos – que parecem escapar à diferenciação sexual, são, na verdade, moldadas por ela<sup>36</sup>.

<sup>31</sup> ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo no estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.16, p. 79-96, 2001.

<sup>32</sup> TEPEDINO, Ana Maria. *As Discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1989.

<sup>33</sup> TAMEZ, Elsa. *Santiago: lectura latinoamericana de la epístola*. San José: DEI, 1985.

<sup>34</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. *Frauen in der Apostelgeschichte des Lukas: eine feministisch-theologische Exegese*. Mit einer Einführung von Luise Schottroff. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1992. (traduzido para o inglês em 1994)

<sup>35</sup> ROSADO, 2001, p, 86-87.

<sup>36</sup> ROSADO, 2001, p, 90.

Também eram assuntos de interesse o “poder institucional e os efeitos sociais e políticos da implicação religiosa das mulheres” e a crítica teórica, denunciando o androcentrismo dos autores clássicos<sup>37</sup>. No campo da história das religiões, as feministas interrogavam sobre o ocultamento dos protagonismos femininos recuperando histórias de mulheres. Todos esses interesses perpassam as Ciências da Religião e a Teologia.

A despeito da disparidade de gênero no corpo docente<sup>38</sup> da área de Ciências da Religião e Teologia, hoje a temática da intersecção feminismo, gênero e religião é pesquisada em diversos cursos de graduação e pós-graduação, assumindo a epistemologia feminista. A categoria de gênero é usada nas Ciências da Religião juntamente com a ideia de que a religião é um componente cultural, parte do sistema simbólico que tanto é estruturado como estruturante da identidade humana<sup>39</sup>. A religião também é uma forma de conhecer a realidade e faz uso da sacralização e dessacralização para estabelecer identidades, especialmente a respeito do feminino e masculino<sup>40</sup>, portanto, é uma estratégia para a manutenção da realidade socialmente definida, pois situa, numa ordenação cósmica e numa referência sagrada, as estruturas nômicas, instituições e papéis gerando sentido à vida humana<sup>41</sup>.

Com esse conjunto compreendemos que:

A religião, enquanto sistema simbólico que contém e expressa o *ethos* de uma população, interage, de maneira dialética, com uma das

<sup>37</sup> ROSADO, 2001, p, 91.

<sup>38</sup> Confira em MINISTÉRIO da Educação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação. Documento da área: Teologia, 2016. p. 6. Disponível em < [https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/44\\_TEOL\\_docarea\\_2016.pdf](https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/44_TEOL_docarea_2016.pdf) >. Acesso em 11.fev.2019. Em 2016 apenas 18% do corpo docente da área era de mulheres.

<sup>39</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. BORDIEU Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli; Silvia de Almeida Prado; Sonia Miceli; Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectivas, 1998

<sup>40</sup> ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 27-29.

<sup>41</sup> BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

destacadas características socioculturais de nossa história: o patriarcado. Ela apresenta-se como um elemento estruturante do patriarcado, tanto pela sua forma patriarcal de organização formal quanto pela longa construção teológica sobre os lugares do masculino e do feminino nas relações sociais e religiosas. Desvendarmos os processos de tal construção resulta de fundamental importância para entendermos as configurações das relações de gênero, uma vez que no próprio conceito de patriarcado o poder é um elemento central<sup>42</sup>.

A religião tem, então, um papel primordial na naturalização de papéis de gênero assimétricos e, por isso, pode ser uma forma de exercício da violência simbólica<sup>43</sup> sobre as mulheres e outras minorias. Simultaneamente, seguindo a ordem da complexidade, ela também pode ser um agente libertador de opressões, por meio de pesquisas que contribuem para desnaturalizar as relações assimétricas e desiguais de poder com base nas identidades de gênero.

#### 4. As Teologias Feministas

Com os movimentos de libertação, entre eles o feminista, também teólogas em nível internacional e nacional fizeram o exercício de olhar a teologia e fazer teologia com outras perspectivas, a partir de outros lugares e experiências. Esta, a experiência, bem como o cotidiano, foram eixos epistemológicos para a teologia ‘a partir da mulher’, que começou a ser articulada, na América Latina, a partir e no contexto da Teologia da Libertação (TL), em diálogo e estudos com teólogas de outros continentes. Uma das características basilares da produção teológica feminista é

---

<sup>42</sup> LEMOS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013. p. 201.

<sup>43</sup> “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante [...] quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...], resultam da incorporação de classificações assim naturalizadas, de que seu ser social é produto”. cf. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11.ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 47.

uma crítica interna sobre o androcentrismo e o patriarcado entremeados à religião cristã, portanto ela alavanca aos estudos feministas sobre religião, assim, é necessário conhecer sua história, seus métodos e categorias.

Como resultado de uma longa história de disciplinamento e silenciamento impostos às mulheres nos espaços do cristianismo<sup>44</sup> está a relação sempre complexa entre a teologia, os movimentos de mulheres e feministas. No entanto, especialmente a partir dos impulsos e do surgimento da TL, mas também por conta do desenvolvimento e o alcance das lutas feministas em todos os campos da vida, surgiu a Teologia Feminista (TF). Trata-se de uma “[...] elaboração teológica comprometida com os movimentos de salvação, emancipação e libertação das mulheres e de toda a humanidade, visando forjar sujeitos livres e construir relações de gênero justas”<sup>45</sup>.

Ao mesmo tempo em que se reconheciam como parte expressiva da experiência da TL, as teólogas feministas latino-americanas, principalmente, também perceberam que outras ferramentas eram necessárias para entender não só a desigualdade social, mas também a desigualdade de poder entre homens e mulheres na estrutura da sociedade e da igreja. Nesse sentido, desenvolvem-se Teologias Feministas que apontam para a necessidade de desconstrução das universalidades e dos essencialismos, propondo novos olhares/hermenêuticas que questionem os padrões excludentes estabelecidos na cultura e sociedade, apresentando contrapontos a esses padrões<sup>46</sup>.

Na primeira fase da TF latino-americana, surgiu a chamada “questão da mulher”, entendida como um primeiro esforço de aproximação entre a situação das mulheres discriminadas e oprimidas e a reflexão teológica.

---

<sup>44</sup> Sobre isso veja: BANDINI, C. *Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso*. Texto originalmente apresentado no 32º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo: NAP-CERU. Maio de 2005. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_bandini.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_bandini.htm). Acesso em: 12 fev. 2020; DEL PRIORE, M. *Histórias da gente brasileira*: Colônia. São Paulo: Leya, 2016; LEMOS, 2013.

<sup>45</sup> SCHULTZ, Adilson; MUÑOZ, Alzira; ROESE, Anete. Teologia Feminista. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p. 616.

<sup>46</sup> Ver pautas hermenêuticas em RIBLA 25, discutidas coletivamente e registradas por escrito por Nancy Cardoso Pereira. Conferir a referência na nota 59.

Na segunda fase, no início da década de 1980, começou a se falar em uma “ótica da mulher”. Nelas, passou-se a visibilizar que a maioria ‘dos pobres’, eixo fundamental da TL, era composto por mulheres e crianças; neste contexto, as pesquisas sociais utilizavam o conceito de feminização da pobreza. Aos poucos, a reflexão teológica das mulheres passou a incorporar a transversalidade de raça, classe e etnia e procurou mostrar que, além da libertação da mulher, era necessário construir um novo modelo de sociedade. Nessa fase, as reflexões teológicas das mulheres seguiam a proposta metodológica da TL (ver-julgar-agir)<sup>47</sup>. Neste contexto, são lançadas a Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana (RIBLA), tendo a participação de teólogas biblistas desde seu primeiro número, como Elsa Tamez e Ivoni Richter Reimer<sup>48</sup>, e revistas em nível popular, como *O Povo Faz Caminho*, cujo primeiro número teve por tema “Leitura Popular da Bíblia”, com participação de quatro teólogas e três teólogos<sup>49</sup>. É nesse momento profícuo na produção teológica feminista que teólogas feministas brasileiras defendem e publicam suas teses doutorais: Ana Maria Tepedino e Ivoni Richter Reimer<sup>50</sup>. Estes trabalhos já foram acenando para a terceira fase, a partir dos anos 1990, na qual se incorporou uma nova perspectiva que busca desconstruir as estruturas androcêntricas e patriarcais que fundam o cristianismo e reconstruir uma

<sup>47</sup> GEBARA, Ivone. A dimensão feminina na luta dos pobres. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 1, n. 45, 1985, p. 245-255. Esta metodologia também foi considerada para estudos realizados por SCHOTTROFF, Luise; STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus von Nazareth – Hoffnung der Armen*. Stuttgart; Berlin; Köln; Mainz: W.Kohlhammer, 1978, SCHOTTROFF, Willy; STEGEMANN, Wolfgang (Hg.). *Traditionen der Befreiung: 1- Methodische Zugänge*. München: Chr. Kaiser, 1980; Elisabeth SCHÜSSLER FIORENZA, *As origens cristãs a partir da mulher*. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992, entre outros teólogos que estabeleceram cooperação conosco.

<sup>48</sup> TAMEZ, Elsa. Elementos Bíblicos que iluminam el Camino de la Comunidad Cristiana: un ejercicio hermenéutico de la carta de Santiago. *RIBLA*, San José/Costa Rica, v. 1, 1988, p. 59-66; RICHTER REIMER, Ivoni. Reconstruir Historia de Mujeres: reconsideraciones sobre el trabajo y estatus de Lidia en Hechos 16. *RIBLA*, San José, v. 4, 1989, p. 47-64.

<sup>49</sup> O POVO FAZ CAMINHO, v. 1, São Leopoldo: CEBI, 1988, com artigos de Mercedes Brancher, Carlos Mesters, Margot Bremer, Fernando Torres, Marli Lutz, Dário Vaona e Maria Engrácia Robles Robles. Ver também, lançada na mesma época, a revista A PALAVRA NA VIDA, igualmente publicada pelo CEBI, São Leopoldo.

<sup>50</sup> TEPEDINO, 1989; RICHTER REIMER, 1992 (defesa 1990).

nova perspectiva cristã. Essa fase aproximou as feministas e teólogas e a categoria de gênero passou a ser utilizada como uma nova mediação analítica também para a teologia<sup>51</sup>.

Além de olhar para a fé com outras perspectivas, as TFs também ajudam a repensar a estrutura patriarcal na qual vivemos, social e culturalmente. São teologias feitas por mulheres de vários lugares, classes, etnias e idades; seu trabalho dirige-se primordialmente para movimentos de libertação de mulheres e extensivamente para todas as pessoas, pois desafiam as estruturas sociais, políticas, econômicas e eclesiais, realizando um exercício de reconstrução da realidade com base nas múltiplas experiências vividas.

As teologias feministas reconhecem que o processo de produção de conhecimento, também dentro do cristianismo, se deu primeiramente com base em diversas experiências, mas instituiu-se no campo das ciências a partir de determinadas relações de poder. Nesse sentido, as TFs introduzem, na produção teológica, categorias e ferramentas de análise que possibilitam a identificação e revisão de estruturas que mantêm relações assimétricas. Dessa forma, questiona-se a proposta linear, hierárquica, meritória e patriarcal de escrita e interpretação dos textos bíblicos, denunciando o androcentrismo e o sexismo presente no desenvolvimento teológico e nas estruturas eclesiais. A partir desses questionamentos, inaugura uma proposta de espiral hermenêutica, mais inclusiva, crítica e que tem como pressuposto as experiências e o cotidiano como espaços de produção e reprodução de conhecimento e da espiritualidade<sup>52</sup>. Buscam, então, uma nova construção teológica igualitária que atinja a vida das pessoas em suas comunidades religiosas, revisando todas as áreas da teologia.

As TFs propõem a desconstrução e a reconstrução como processo metodológico de análise de textos, numa perspectiva que busca ressignificar o papel do cristianismo como uma religião que potencializa a justiça e a não-violência. Desconstruir para revisar estruturas que mantêm relações injustas e reconstruir para elaborar concepções e práticas

<sup>51</sup> BRUNELLI, D. Teologia e Gênero. In: SUZIN, Luiz Carlos (Org). *Sarça Ardente – Teologia na América Latina: Perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 209-221.

<sup>52</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 58-60.

alternativas do fazer teológico e da vida em suas diversas dimensões<sup>53</sup>. Para a tarefa de desconstruir os textos e buscar reconstrução de novas possibilidades de interpretação, o princípio hermenêutico da suspeita é fundamental. Desde uma perspectiva teológica e hermenêutica feministas, questiona-se e suspeita-se de métodos universais, essencialistas, objetivos e lineares de produzir conhecimento, de modo que se proporcionam outros modelos, conceitos e metodologias para a produção e reprodução de saberes. Suspeita-se também de “afirmações eclesiais e político-sociais que afirmam a subordinação e inferioridade de mulheres e outras pessoas marginalizadas”<sup>54</sup>.

A suspeita é a desconfiança e a dúvida em relação às afirmações tomadas como verdades absolutas e imutáveis em relação aos seres humanos e ao mundo, no intuito de desnaturalizar opressões e discriminações e, assim, poder reconstruir relações. É perguntar não apenas pelo que o texto está dizendo, mas também pelo que não foi escrito e historiografado e o porquê da escrita ou não-escrita, do interdito e do silenciamento. Nos textos bíblicos, a suspeita busca nas entrelinhas e com base em indícios a motivação das invisibilizações das mulheres, e, também, ferramentas para reconstruir, contar e recontar as histórias<sup>55</sup>.

Um passo necessário para a nova construção é assumir as experiências das mulheres em sua especificidade e diversidade como chave epistemológica, defendendo que elas precisam ser reconhecidas como ponto de partida e chegada do ciclo de interpretação<sup>56</sup>. As particularidades do contexto e da identidade humana fazem com que cada experiência seja única e situada<sup>57</sup>. Ao considerar as experiências e o cotidiano das mulheres, realiza-se um

---

<sup>53</sup> DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). *Epistemologia, sexualidade e violência: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2015, p. 15; RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como se em teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005, esp. p. 26-35.

<sup>54</sup> RICHTER REIMER, 2005, p.18.

<sup>55</sup> DEIFELT, 2015, p. 15-16.

<sup>56</sup> RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1993, p. 18.

<sup>57</sup> BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. São Leopoldo, RS, 2017, p. 16-17.

exercício reflexivo e autotransformador que possibilita a tomada de consciência sobre o quanto as mulheres impactam teologicamente as suas próprias vidas, bem como as vidas de outras pessoas<sup>58</sup>. Além disso, torna-se possível dar visibilidade e refletir sobre o lugar das mulheres na história.

Unidas ao conceito de experiência estão as categorias cotidiano, memória e corporeidade. Para hermenêuticas feministas, é no cotidiano que as experiências se dão, e é a partir delas que as memórias são construídas<sup>59</sup>. Observa-se, contudo, as memórias de forma crítica, visto serem elas seletivas e parciais; como parte de memórias, um texto pode ser entendido como representação de (ser-no) mundo e como ação simbólica que precisa de interpretação<sup>60</sup>. Outra tarefa da teologia feminista é, pois, recuperar memórias e tradições que foram esquecidas ou deixadas à margem e isso implica crítica, correção e transformação de conceitos e comportamentos. É nesse esforço de produção teológica feminista que tem por episteme o corpo e o cotidiano de mulheres, com suas alegrias e sofrimentos, superações e perdas, que é lançada, em 1994, a revista *MANDRÁGORA*, do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, hoje vinculado à UMESP, com a participação, nesses 26 anos de revista feminista, de teólogas e cientistas da religião em nível nacional e internacional. Neste mesmo sentido de valorização das produções existentes, mencionamos também a organização do primeiro número especial da *RIBLA*, que trata exclusivamente de hermenêutica, exegese e teologia feministas, com o tema “POR MÃOS DE MULHER” (1993), seguido por “... MAS NÓS MULHERES DIZEMOS!” (1996)<sup>61</sup>.

<sup>58</sup> Para saber mais sobre os passos desse exercício hermenêutico, o qual Fiorenza chamou de “A Dança da Sabedoria”, e seu impacto no âmbito teológico veja: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009, p. 187-212.

<sup>59</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 60.

<sup>60</sup> A este respeito ver RICHTER REIMER, Ivoni. Textos do Novo Testamento como Fonte para Estudos da História. In: MARCHINI NETO, Dirceu; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012, p. 235-252, esp. p. 241-247.

<sup>61</sup> REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, v. 15, San José/Costa Rica, 1993; v. 25, 1996. Disponível em espanhol em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/25.pdf>. Acesso em: 31mar 2020. Ver também RIBLA

Da mesma forma, os esforços de produção teológica feminista, vinculada com a perspectiva ecológica, são envidados em nível popular, por meio, p.ex., da série *A PALAVRA NA VIDA*<sup>62</sup>, publicada pelo Centro de Estudos Bíblicos, e aqui destacamos os números 174 (“ECOFEMINISMO: novas relações, nova terra, novos céus...”), 175/176 (“FONTES E CAMINHOS ECOFEMINISTAS”) e 177/178 (“BÍBLIA E VIDA: tecendo com fios ecofeministas”).

Como parte da experiência, a teologia feminista elabora uma epistemologia que tem o corpo como categoria fundamental, pois compreende que “[...] o corpo humano, e, em especial, o corpo das mulheres, é epítome de conhecimento, de saber. É nele que se registram as marcas de uma cultura e sociedade dualistas, hierárquicas, assimétricas e cerceadoras do potencial humano”<sup>63</sup>. A TF assume assim o compromisso com o resgate da dignidade dos corpos e o direito do conhecimento sobre, a partir e para eles.

Outro elemento chave para a análise teológica feminista é a categoria de gênero<sup>64</sup>. Ao avaliar como são construídos os papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres, a categoria de gênero aponta para relações de poder desiguais entre os sexos e atesta que “o aspecto biológico das pessoas não é suficiente para explicar ou determinar o comportamento do masculino e do feminino na vida em sociedade”<sup>65</sup>. A partir da categoria gênero “[...] surgem novas perguntas a serem feitas aos textos bíblicos e à vida cotidiana, que trazem reflexões complexas sobre a história das mulheres e sobre as diferenças de classe, sexo, etnia e geração”<sup>66</sup>.

---

números 37, 41, entre outras muitas contribuições de teólogas feministas, distribuídas em vários números.

<sup>62</sup> Os números mencionados foram publicados em São Leopoldo: CEBI, 2002.

<sup>63</sup> DEIFELT, Wanda. O corpo em dor: Uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. *À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*, 2. ed. São Leopoldo, p. 17. Disponível em: [http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Ebook\\_A\\_Flor\\_da\\_Pele.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Ebook_A_Flor_da_Pele.pdf). Acesso em: 14 fev. 20

<sup>64</sup> Ver as principais conceituações acima, item 1.

<sup>65</sup> PAIXÃO, Márcia Eliane L. da; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla. *Processos Educativos No Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul*. 2011, p. 16.

<sup>66</sup> SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: evangelho das mulheres*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto

Abordando a análise teológica dos textos bíblico, Ivoni Richter Reimer afirma:

as tradicionais abordagens metodológicas e interpretativas de textos bíblicos demonstraram que ainda não conseguem alcançar a profundidade de mecanismos de opressão que principalmente mulheres e crianças, escravas ou não, enquanto minoria qualitativa, sofriam em seu contexto histórico-social. A categoria de gênero, instrumental de análise interdisciplinar, ajudou a perceber e a enfatizar o caráter social das distinções construídas a partir das diferenças biológico-sexuais<sup>67</sup>.

Soma-se a isso o constante exercício individual e conjunto de autocrítica, pois compreendemos que as TFs são e estão em um processo contínuo e fluído, portanto, que necessitam de constante revisão e inclusão de novas suspeitas, conceitos, práticas e lentes epistemológicas, inclusive sobre suas próprias (re)descobertas<sup>68</sup>.

A proposta de interpretação bíblica feminista pressupõe também o constante exercício imaginativo e criativo, através do qual “procura gerar visões utópicas ainda não realizadas, ‘sonhar’ com um mundo diferente de justiça e bem-estar”<sup>69</sup>. Além disso, as TFs incentivam o uso de outras formas de linguagem para motivar a celebração e para fazer parte da compreensão. Percebeu-se, por exemplo, que as canções, os poemas, as danças e os rituais também são formas orais e escritas de elaboração teológica.

A espiral hermenêutica feminista busca a realidade viva por detrás das palavras bíblicas, busca descobrir o significado teológico do texto e sua força para a comunidade de hoje. Trata de reconstruir as histórias bíblicas desde uma perspectiva crítica e feminista e, através de sua

---

Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2017, p. 23. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3764>. Acesso em: 13 fev. 20

<sup>67</sup> RICHTER REIMER, Ivoni. Para memória delas! Textos e interpretações na (re) construção de cristianismos originários. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1. jan./jun., 2010, p. 45.

<sup>68</sup> Para uma boa abordagem da autocrítica na produção teológica feminista veja: feminista SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus e a política da interpretação*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>69</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 201.

atualização criativa, permite que nos sintamos parte dela. É nesse movimento constante e de espiral, que a teologia e hermenêutica feminista ampliam a reflexão, acolhem as particularidades e se fazem resistência para “não permitir que a história e teologia da opressão, perpetuada por textos bíblicos patriarcais e por um patriarcado clerical, cancele a história e a teologia da luta, vida e liderança de mulheres cristãs que falaram e agiram na força do Espírito”<sup>70</sup>.

A reflexão hermenêutica feminista visa não somente a libertação das mulheres, mas também a emancipação da comunidade cristã de estruturas patriarcais e posturas mentais androcêntricas.<sup>71</sup> É um caminho de justiça e equidade para que o evangelho seja força de salvação/libertação de mulheres, homens e toda a criação de Deus. Ao identificar e aceitar a pluralidade e a diversidade da criação de Deus se faz necessário também usar muitas e múltiplas imagens para se falar de Deus. Nesse sentido, a partir da reflexão feminista tem sido possível a construção de novas imagens de Deus no discurso religioso<sup>72</sup>.

Desde uma perspectiva hermenêutica feminista as teologias são sempre plurais, porque as experiências religiosas também o são. A partir da apropriação e somatória das experiências religiosas que alimentam o cotidiano, assume-se um compromisso com o diálogo e com a diversidade, possibilitando abertura para a aprendizagem mútua e o comprometimento com uma espiritualidade de parceria, igualdade e reciprocidade.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 64. Neste sentido, também recomendamos a leitura de SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Tradução: Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal/EST; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

<sup>71</sup> Ver a este respeito RIBLA, San José, n. 56, 2007: Re-imaginando las Masculinades. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/56.pdf>. Acesso em: 31 mar 2020.

<sup>72</sup> Sobre isso veja por exemplo: GEBARA, Ivone. *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 62-69. Veja também: MCFA-GUE, Sallie. *Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 52-90.

<sup>73</sup> NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e hermenêutica feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: FRIGÉRIO, Tea. *Hermenêutica feminista e gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000, p. 48.

## 5. Considerações Finais

São inúmeros e diferentes fatores que contribuíram para o surgimento da teologia e hermenêutica feministas na América Latina, entre eles destacam-se o engajamento político-social e as reivindicações e lutas do movimento feminista e a emergência da Teologia da Libertação. Entretanto, logo se percebeu a necessidade de ampliar o diálogo e a reflexão teológica, de maneira a contemplar não somente uma parcela da criação de Deus.

Desde então a hermenêutica feminista segue aberta e em construção. Nesse caminho foram sendo incorporados conceitos e categorias que vão aprimorando e atualizando as lentes interpretativas. Essa proposta revolucionou a forma de fazer e pensar teologia e segue sendo instrumento de redescoberta e propagação de um evangelho em prol da justiça e da não violência. Assim é, pois ela se faz a partir da vida, dos corpos e das experiências pessoais e coletivas, ressignifica comportamentos, ideologias e dogmas excludentes através da desconstrução e reconstrução de textos e da história interpretativa, para então retornar à vida, com práticas, discursos e metodologias que promovam dignidade e justiça e respeitem a pluralidade e a diversidade da vida em suas respectivas culturas.

A elaboração da hermenêutica da suspeita permite teologizar a experiência religiosa das mulheres e dos grupos culturais. Evidencia-se que Deus não está encerrado apenas na Bíblia ou nos textos sagrados. Deus está presente nas experiências do cotidiano, ao lado das mulheres. A Teologia Feminista resgata a memória e forceja a inclusão de pessoas excluídas, especialmente, mas não exclusivamente, de mulheres. Almeja uma cidadania plena para todos os seres excluídos. Através da utilização da categoria analítica de gênero, a Teologia Feminista contribui e instiga a desconstrução das desigualdades de gênero e aponta para a necessária mudança em todos os setores da sociedade para assegurar relações sociais justas, equitativas e não sexistas, perspectivando também políticas públicas para construir e garantir a equidade de gênero.

## Referências

- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (Kindle Edition). 1. 5273-5332.
- BANDINI, C. *Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso*. Texto originalmente apresentado no 32º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo: NAP-CERU. Maio de 2005. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_bandini.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_bandini.htm). Acesso em: 12 fev. 2020.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Teologia), Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.
- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli; Silvia de Almeida Prado; Sonia Miceli; Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectivas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. 11.ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNELLI, D. Teologia e Gênero. In: SUZIN, Luiz Carlos (Org). *Sarça Ardente – Teologia na América Latina: Prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 209-221.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLAIZZI, Giulla. Feminismo y teoría del discurso: razones para un debate. In: COLAIZZI, Giulla. *Feminismo y teoría del discurso*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1990. p. 13-28.
- DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). *Epistemologia, sexualidade e violência: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2015. p. 13-30.

- \_\_\_\_\_. O corpo em dor: Uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.) *À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*, 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.
- DEL PRIORE, M. *Histórias da gente brasileira*. Colônia. São Paulo: Leya, 2016.
- ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- GEBARA, Ivone. A dimensão feminina na luta dos pobres. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 1, n. 45, p. 245-255, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Teologia ecofeminista*. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000,
- \_\_\_\_\_. *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *cadernos pagu*. Campinas. n.5, p. 07-41, 1995.
- HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*. .v1. n.1, p.7-31, jun. 1993
- LAURETIS, Teresa de. *Diferencias: un camino a través del feminismo*. Madri: HORA y hora, 2000.
- LEMONS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013.
- MAFFIA, Diana. Epistemología feminista: La subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, Caracas, v. 12, n. 28, p. 63-98, jun. 2007. Disponível em: <[http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1316-37012007000100005&lng=es&nrm=iso](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012007000100005&lng=es&nrm=iso)>.
- MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

- MCFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus: teologia para uma era ecológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996
- MINISTÉRIO da Educação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação. *Documento da área: Teologia*, 2016. p. 6. Disponível em < [https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/44\\_TEOL\\_doca-rea\\_2016.pdf](https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/44_TEOL_doca-rea_2016.pdf) >. Acesso em 11.fev.2019.
- NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e hermenêutica feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: FRIGÉRIO, Tea. *Hermenêutica feminista e gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000.
- O POVO FAZ CAMINHO, v. 1, São Leopoldo: CEBI, 1988.
- PAIXÃO, Márcia Eliane L. da; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla. *Processos Educativos no Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.18 n.36, jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 fev. 20
- RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: [http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf)
- REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, v. 15, San José/Costa Rica, 1993. Disponível em espanhol em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/25.pdf>. Acesso em: 31mar 2020.
- REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, v. 25, San José/Costa Rica, 1996. Disponível em espanhol em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/25.pdf>. Acesso em: 31mar 2020.
- REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA, v. 56, San José/Costa Rica, 2007. Disponível em espanhol em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/25.pdf>. Acesso em: 31mar 2020.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Reconstruir Historia de Mujeres: reconsideraciones sobre el trabajo y estatus de Lidia en Hechos 16. *RIBLA*, San José, v. 4, 1989, p. 47-64.

- \_\_\_\_\_. *Frauen in der Apostelgeschichte des Lukas: eine feministisch-theologische Exegese*. Mit einer Einführung von Luise Schottroff. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1992. (traduzido para o inglês em 1994)
- \_\_\_\_\_. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Grava-me como sele em teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. Para memória delas! Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1. jan./jun., p. 41-53, 2010.
- \_\_\_\_\_. Textos do Novo Testamento como Fonte para Estudos da História. In: MARCHINI NETO, Dirceu; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012, p. 235-252.
- \_\_\_\_\_. As teologias e práticas políticas dos movimentos (eco) feministas. *Caminhos*, Goiânia, Especial, v. 17, p. 120-137, 2019, esp. p. 123-128. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7489/4272>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- RODRIGUES, Elisa. O que é isso que chamamos fenomenologia da religião? Reflexões em curso; In: SILVEIRA, Emerson Sena (org). *A polisssemia do sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 103-119.
- ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo no estudo das religiões. *Cadernos Pagu*. Campinas. n.16, 2001, p. 79-96.
- RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? *Labrys*. Estudos Feministas. v. 11, p. 45, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>>.
- SCHOTTROFF, Luise; STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus von Nazareth – Hoffnung der Armen*. Suttgart; Berlin; Köln; Mainz: W.Kohlhammer, 1978.

- SCHOTTROFF, Willy; STEGEMANN, Wolfgang (Hg.). *Traditionen der Befreiung: 1- Methodische Zugänge*. München: Chr. Kaiser, 1980.
- SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Tradução: Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal/EST; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.
- SCHULTZ, Adilson; MUÑOZ, Alzira; ROESE, Anete. Teologia Feminista. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Jesus e a política da interpretação*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-50.). Disponível em: <[http://archive.org/download/scott\\_gender/scott\\_gender.pdf](http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf)>. Acesso em: 12 mai. 2012.
- SHIVA, Vandana. Deixem-nos sobreviver – Mulheres, ecologia e desenvolvimento. In: RUETHER, Rosemary R. (org.). *Mulheres curando a terra*. Trad. Sylvia Marcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 107-120.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. 2.ed. Coimbra: Ed. Almedina SA, 2010.
- SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.
- TAMEZ, Elsa. *Elementos Bíblicos que iluminam el Camino de la Comunidad Cristiana: un ejercicio hermenéutico de la carta de Santiago*. RIBLA, San José/Costa Rica, v. 1, 1988, p. 59-66.
- \_\_\_\_\_. *Santiag: lectura latinoamericana de la epístola*. San José: DEI, 1985.

---

TEPEDINO, Ana Maria. *As Discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1989.  
VALCÁRCEL, Amelia. *Ahora, Feminismo: Cuestiones Candentes y frentes abiertos*. Ediciones Cátedra: Madrid, 2019.

Submetido em: 31/03/2020

Aceito em: 04/06/2020